

# PESQUISA E EDUCAÇÃO

Nelsi Antonia Pabis



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO

# APRESENTAÇÃO

Prezados acadêmicos do 2º ano do Curso de Pedagogia a distância da UNICENTRO-Campus de Irati, a pesquisa é um dos principais desafios na universidade e nos demais níveis escolares. Como coloca Demo (2002, p. 33) “[...]na condição de princípio científico e educativo, a pesquisa apresenta-se como a instrumentação teórico-metodológica para construir o conhecimento.”

No primeiro ano do curso, o objetivo do estudo na disciplina Metodologia da pesquisa em ciências de educação I é oportunizar aos acadêmicos do curso os conhecimentos necessários ao desenvolvimento de pesquisas científicas na área da educação. Foi discutido o que é pesquisa científica, diferenciando-a da pesquisa realizada no senso comum, que também tem o seu valor, tratando do que é conhecimento, tipos de conhecimento e de pesquisa; a universidade como instituição que tem como um dos objetivos a descoberta de novos conhecimentos e a formação do pesquisador. Nos cursos de licenciatura, aborda a formação do professor pesquisador, a construção do projeto de pesquisa e as normas técnicas que são utilizadas na elaboração de trabalhos científicos.

No presente material (e-book) que serve de suporte para os estudos na disciplina Metodologia da pesquisa em ciências da educação II, objetiva-se apresentar os conteúdos que contribuem para a assimilação dos temas propostos para a disciplina; o conhecimento deles são imprescindíveis para a tomada de decisão no momento da elaboração do projeto de pesquisa e a realização da pesquisa.

Os textos, vídeos e demais materiais apresentados e as atividades propostas são fruto de estudos, reflexões e vivências como professora da disciplina nos cursos de graduação e especialização da UNICENTRO e, principalmente, durante a realização dos cursos de mestrado e doutorado, estudando, discutindo e refletindo sobre metodologia

Com este material objetiva-se possibilitar as condições para que os alunos ampliem os conhecimentos necessários para a elaboração de projetos de pesquisa, elaborem um projeto de pesquisa, pois em meados do 3º ano o projeto que o acadêmico desenvolve será finalizado e entregue à coordenação do curso que indicará um professor orientador. No decorrer do 3º e 4º ano, acadêmico e orientador dialogam sobre a construção do projeto, que envolve além da definição do tema e do problema, a justificativa, o referencial teórico, os instrumentos de coleta, o cronograma e as referências.

A definição do tema é um momento importante, muitas vezes permeado por dúvidas mas, é preciso decidir. O tema da pesquisa nasce da curiosidade ou necessidade de dirimir alguma questão/dúvida. As dúvidas surgem na prática cotidiana; sugere-se que reflitam sobre as situações que vivenciaram na sala de aula como estudantes e o que vivenciam como professores. As salas de aula são compostas por alunos provenientes de segmentos sociais, econômicos e culturais múltiplos, aprendem de forma diferenciada, relacionam-se de várias formas com os professores e colegas, apresentam desempenhos diversos. A partir destas e outras situações podem surgir temas de pesquisa. Sugere-se, também, que fiquem atentos às leituras que realizam. Os textos apresentam inquietações que desencadeiam temas de pesquisas. Também os estudos feitos, sobre vários temas, dentre eles as políticas que orientam a educação brasileira, como se viabilizam na prática são temas interessantes. Na literatura educacional encontram-se pensamentos bem diferenciados sobre as políticas que orientam a educação brasileira, a organização das escolas, etc. Pesquisar as políticas e o pensamento desses autores é de suma importância para se repensar a prática desenvolvida nas escolas.

Com este material a ideia central é instrumentalizar o futuro profissional da educação para a realização da pesquisa qualitativa, modalidade mais utilizada na pesquisa educacional. Assim, o e-book organiza-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata da abordagem qualitativa de pesquisa, destacando a pesquisa etnográfica e o estudo de caso; o segundo, trata dos enfoques

filosóficos que são utilizados na pesquisa em educação, dentre eles, o positivismo, a fenomenologia e a dialética; o terceiro aborda os principais instrumentos utilizados na coleta de dados, tais como a observação, a entrevista, o questionário, a análise de documentos; o quarto aborda um estudo do projeto de pesquisa, aprofundando os saberes anteriores e o quinto estuda os procedimentos para a análise dos dados, ação que o pesquisador desenvolve após coletar os dados.

Como referência serão utilizados Triviños (1995), Lüdke e André (1986), dentre outros. As normas técnicas para a realização de trabalhos científicos que foram apresentadas no 1º ano continuam a ser utilizadas. Os trabalhos desenvolvidos respeitam essas normas.

## 1 ABORDAGENS QUALITATIVAS DE PESQUISA

O primeiro capítulo é dedicado ao estudo das abordagens qualitativas de pesquisa, dentre elas, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso.

Como colocado no primeiro ano, existem duas abordagens de pesquisa: a quantitativa e qualitativa. A quantitativa se reduz a números. Na pesquisa qualitativa não se quer saber somente o que e quanto, mas, o porque dos fatos ou fenômenos. Em educação utiliza-se a abordagem qualitativa, que pela análise dos dados ultrapassa a quantitativa que se reduz apenas a números, isto é, quantifica os dados.

*Assista ao vídeo Tipos de pesquisa: pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa ou pesquisa quali-quantitativa.*

*Assista ao vídeo Metodologia qualitativa e quantitativa.*

Lüdke e André (1986) apoiadas nos estudos de Bogdan e Biklen apontam que a pesquisa qualitativa envolve a “[...] obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 13). É um tipo de pesquisa que objetiva apontar as causas de um determinado problema pesquisado. Apresentam dois tipos de pesquisa: a etnográfica e o estudo de caso.

Lüdke e André (1986, p.14), apoiadas em Spradley, afirmam que etnografia “[...] é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo.” Para o pesquisador realizar esta descrição necessita conviver com o grupo como se fosse um membro. Relatam que um teste para se compreender se uma pesquisa é etnográfica é verificar se a pessoa que lê a pesquisa consegue interpretar o que ocorre no grupo estudado, como se fosse um membro daquele grupo.

O estudo de caso é a pesquisa sobre um caso específico. É sugerido quando se necessita compreender as ações da vida real, avaliar uma intervenção num contexto real. Para Lüdke e André (1986, p. 17) “[...] o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo.” Incide sobre aquilo que tem de único e particular. Como exemplo, estudar uma dificuldade de aprendizagem, formas de avaliação, uma política pública definida para a educação escolar. O estudo de caso é fundamentado em princípios e sua realização passa por determinadas fases. Também surgem problemas, na sua prática. Em educação, o estudo de caso é mais utilizado do que a pesquisa etnográfica. Uma das razões está no tempo que a pesquisa etnográfica requer, considerando a necessidade do pesquisador conviver com o grupo pesquisado.

Para compreender melhor o estudo de caso leia o texto *Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia*.

No texto, as autoras Deus, Cunha e Maciel destacam a natureza do estudo de caso, seu delineamento como metodologia de investigação e a aplicação na pesquisa em educação.

Sugere-se, também, a leitura de: *O que é um estudo de caso qualitativo em educação*, de autoria de Marli André.

A autora explicita um conceito de rigor metodológico, discute o conceito e os fundamentos do estudo de caso qualitativo em educação, indica as fases em que se desenvolve, tomando como exemplo os estudos de caso desenvolvidos no contexto de uma pesquisa que avalia o Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), descreve e comenta dois exemplos de pesquisa que deixam mais evidente a conveniência – ou não – do uso da denominação de estudo de caso.

## 2 OS ENFOQUES FILOSÓFICOS NA PESQUISA

Os enfoques filosóficos na pesquisa caracterizam-se como as diferentes formas de ver mundo e, portanto, de analisar a realidade pesquisada, indicam a visão de mundo do pesquisador e a relação que estabelece com o conhecimento. Para Bicudo tanto o positivismo, a fenomenologia, a dialética ou outro enfoque (1994, p. 16) “[...] é um pensar a realidade de modo rigoroso, ou como costuma ser dito: é um modo científico de conceber a realidade.” Como diz Gamboa (2007), na investigação não se produz só um diagnóstico sobre o problema ou elabora-se respostas para as questões mas, constrói-se ciência e se explicita uma teoria do conhecimento.

As formas de entender o mundo são construídas a partir da trajetória de vida de cada um, dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação e, especialmente, da profissional e das opções pessoais.

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, enfoque “[...] é a maneira de enfocar ou focalizar um assunto, uma questão: se o problema não tem um bom enfoque, dificilmente há de ter boa solução.” (FERREIRA, 2004, p. 752). A perspectiva que o pesquisador utiliza revela a sua visão de mundo, a maneira como concebe os fatos, como os interpreta e como se relaciona com eles. Os enfoques também são considerados necessários para a disciplina intelectual e para se conceber a natureza dos problemas.

Existem vários posicionamentos como o positivismo, a fenomenologia, a dialética, o historicismo, o estruturalismo, o sistêmico.

Trivinos (1995) trata, com muita propriedade, estas focalizações mas, no contexto deste estudo será abordado o positivismo, a fenomenologia e a dialética.

A diferença entre um enfoque e outro é percebida a partir da compreensão dos fundamentos de cada um. O pesquisador necessita apropriar-se dos conhecimentos filosóficos relativos a eles, eleger o que fundamenta a sua pesquisa e construir o conhecimento a partir da visão escolhida.

Um pequeno exemplo colabora para perceber as diferenças entre os enfoques.

Se o pesquisador necessita obter dados referentes ao número de pessoas de uma determinada faixa etária que concluíram o ensino superior e trabalham numa cidade, município, estado ou país, sobre os programas de TV que as pessoas de uma cidade ou região preferem, sobre a preferência de lazer dos alunos ou nível sócio-econômico em uma determinada comunidade, se coleta dados para mapear uma situação, realiza uma pesquisa quantitativa. Se o objetivo são os dados quantitativos, o enfoque adequado é o positivista.

Se o pesquisador deseja ir além dos dados quantitativos e necessita obter respostas para as questões acima colocadas, que levem à compreensão, desvendamento e interpretação das situações, a visão mais adequada é a fenomenológica.

Se o objetivo do pesquisador é situar as questões como construções históricas, identificar-se com o objeto de pesquisa e levantar as contradições presentes nestes processos, o enfoque a ser adotado é o dialético.

O pesquisador reflete sobre as teorias e opta por um deles. A teoria utilizada evidencia-se na forma como o pesquisador expressa as ideias, na forma como o trabalho é escrito. No projeto de pesquisa e nos resultados da pesquisa, que normalmente são apresentados em forma de artigo, resumo, paper, o pesquisador não necessita colocar um item com o enfoque filosófico escolhido. A evidência acontece a partir da escrita. A forma como o pesquisador apresenta as ideias, como constrói o referencial teórico e os autores em quem se apoia, como analisa os dados coletados é que esclarecem se o cunho da pesquisa é positivista, fenomenológico ou dialético.

As perspectivas utilizadas na pesquisa têm seus fundamentos nos clássicos da filosofia. O positivismo com Comte, a fenomenologia com Husserl, a dialética marxista com Marx. Estes são considerados os pais das teorias apresentadas. Mas vários são os autores que tratam do assunto tais como Ribeiro Júnior (1982), Cupani (1985), Durozoi e Roussel (1996), Triviños (1995), dentre outros.

A relação das visões com a pesquisa é abordada por Demo (1985), Triviños (1995), Luna (2000), Masini (2000), Frigotto (2000), Gamboa (2000), Diez e Horn (2004), dentre outros.

## **O POSITIVISMO**

O positivismo, tem Augusto Comte (1798-1857) como fundador, é um movimento que influencia a cultura europeia no que se refere à forma de refletir sobre o mundo. É muito intenso a partir de meados do século XIX até a primeira guerra mundial. De acordo com o Dicionário do pensamento marxista, (2001, p. 290) “[...] o projeto intelectual-político básico de Comte era a extensão dos métodos científicos das ciências naturais ao estudo da sociedade: a criação de uma filosofia científica.” A doutrina de Comte só admite as verdades positivas, isto é, as verdades científicas verificáveis, não admitindo as investigações centradas na essência das coisas – a metafísica.

Até o período de Comte, predominavam na filosofia os estudos que contemplavam o sobrenatural, isto é, sobre Deus, as divindades, o ser, a relação do homem com Deus.

Comte postula uma orientação em oposição à metafísica e à teologia; opõe-se ao sagrado, valoriza e considera válidos os conhecimentos baseados em fatos e dados da experiência. Como coloca Gamboa (2007, p. 31) “[...] consideram-se positivistas as doutrinas que têm como objeto do conhecimento só aquele obtido mediante dados dos sentidos; nega-se a admitir outra realidade fora dos ‘fatos’ e a pesquisar outra coisa que não sejam as relações entre os ‘fatos’.” A ênfase é nos fatos concretos, palpáveis e não na filosofia especulativa.

De acordo com Triviños (1995, p. 34.) não se entende o positivismo senão é compreendido como “[...] uma reação à filosofia especulativa, especialmente a representada pelo idealismo clássico alemão (Fichte, Schelling, Kant e Hegel) que imperava no pensamento europeu da época de Comte.” E complementa que “[...] facilmente se observa que a filosofia positivista se colocou no extremo oposto da especulação pura, exaltando, sobrepondo os fatos.” (p. 34).

Como acontece com outros posicionamentos, as concepções filosóficas de Comte são resultado das reflexões de sua época. Comte questiona as crenças da época

[...] procurou acabar com as eternas investigações sobre o incognoscível e, voltando-se para o mundo real, criou nele vasto campo de estudo e de observação para restabelecer e realizar um programa universal, que regulamentasse e regenerasse a vida humana, tanto privada quanto pública.” (RIBEIRO JR., 1982, p. 9).

Para a época, o pensamento de Comte é revolucionário. Preocupa-se com a filosofia da história, com a fundamentação para classificar as ciências, a elaboração de uma disciplina para estudar os fatos sociais e com a criação de uma espécie de religião para a humanidade, porque acreditava que, a partir da pregação moral, podia humanizar os capitalistas, eliminando os conflitos de classe. (TRIVIÑOS, 1995).

Comte identifica as fases do pensamento humano como a teológica em que Deus e as divindades se constituíam centrais; depois a metafísica, que destaca a transcendência e a que ele

imprime, a positiva, que se refere ao real, objetivo, útil. O termo positivo é muito bem explicado pelo próprio Comte. Comte, apud Triviños, assinala cinco acepções.

A primeira delas designa o real em oposição ao quimérico. Isto significa que o espírito humano deve investigar sobre o que é possível conhecer, eliminando a busca das causas últimas ou primeiras das coisas. O positivo é um estado sobre o útil ao invés do ocioso. Nada que não seja destinado ao aperfeiçoamento individual ou coletivo deve ficar de lado. A filosofia positiva deve guiar o ser humano para a certeza, distanciando-o da indecisão; deve elevá-lo ao preciso, eliminando o vago, tão característico da filosofia tradicional. A quinta acepção do vocábulo positivo aparece como contrária a negativo. Assim, a filosofia tem por objetivo não destruir, mas organizar. (1995, p. 35, grifos no original).

As ideias que prega tornaram-se muito conhecidas. De acordo com o Dicionário do pensamento marxista (2001, p. 291) “[...] o positivismo tornou-se um movimento político e intelectual mais ou menos organizado em bases internacionais, mas seus temas centrais tiveram na sociedade de hoje, uma difusão muito maior do que qualquer outro movimento.” Como exemplo pode-se citar o Brasil, no início da República, que é fortemente influenciado pelas ideias positivistas. Ordem e Progresso, escritas na bandeira brasileira, são de influência positivista. Na educação, segundo Cartolano (2003, p. 216), “[...] deu-se por meio da organização da escola e do trabalho pedagógico, com a instituição do ensino seriado e a inserção de disciplinas voltadas para as ciências.”

Para compreender melhor o positivismo assista ao vídeo: *O que é o positivismo.*

## **POSITIVISMO E PESQUISA**

Quanto à prática da pesquisa em educação, uma das características é considerar a realidade como formada por partes isoladas. O foco é o fato e não o contexto em que o fato ocorre.

Pode-se dizer que não existe preocupação com o todo e sim com as partes. Para os positivistas não interessa a causa do objeto investigado, o objetivo não é o metafísico, mas os fatos em si; o centro da investigação está na objetividade. O positivismo volta-se para o conhecimento sem o juízo de valor de quem quer conhecer. Para Cartolano (2003) o positivismo deixa, como herança, uma concepção de ciência e conhecimento em que os dados da realidade são apresentados como fatos em si, independentes das relações recíprocas do homem e da sociedade, independente das relações que os definem.

## A FENOMENOLOGIA

A fenomenologia tem como um dos seus maiores representantes o filósofo Husserl, caracteriza-se “[...] pela ênfase ao mundo da vida cotidiana, pelo retorno àquilo que ficou esquecido, encoberto pela familiaridade (pelos usos, hábitos e linguagem do senso comum).” (MASINI, 2000, p. 61).

Assim como o positivismo, contesta as reflexões metafísicas, voltando-se para a objetividade. Mais tarde, o excesso de objetividade do positivismo também é questionado; as ciências sociais não podem ser analisadas pelos mesmos princípios das ciências da natureza. Surge a fenomenologia, que aponta que a investigação científica volta-se para a subjetividade. Para Minayo (1994), aborda a realidade valorizando a vida cotidiana. É entendida como uma maneira de relatar, falar, descrever os fatos, os acontecimentos. Para Cupani (1985) é um discurso sobre o mundo, é o falar inteligível sobre o que se mostra.

A fenomenologia representa uma tendência dentro do idealismo filosófico e, nele, ao denominado idealismo subjetivo. “[...] apresenta-se como um ‘método’ e como um ‘modo de ver’ o dado.” (TRIVIÑOS, 1995, p. 42). É um método quando apresenta critérios rigorosos a serem considerados num trabalho de natureza fenomenológica o que possibilita que um determinado fenômeno seja visto e compreendido assim como ele se manifesta para quem dele se ocupa. Para

Husserl, apud Cupani (1985, p. 30), “[...] consiste numa atitude intelectual de fidelidade ao que ‘se manifesta’ ‘phainomenon’, fenômeno) à consciência de quem se considera ‘fenomenólogo’.”

## A HERMENÊUTICA

A hermenêutica caracteriza-se pela interpretação dos dados, que admite que sempre é possível retornar ao tema e proceder a novas interpretações. Para Husserl apud Diez e Horn (2004) as coisas caracterizam-se pelo seu inacabamento, pela possibilidade de sempre serem questionadas. Em pesquisa fenomenológica não existem conclusões, mas novos questionamentos, que geram novas pesquisas.

Fini alerta que cabe ao pesquisador que adota o enfoque fenomenológico atentar que o seu trabalho é de descrever os fenômenos e não, explicá-los “[...] não se preocupando em buscar relações casuais e, também, que essa descrição supõe um rigor pois é através dela que se chega à essência do fenômeno.” (1994, p. 24, grifo no original).

O vídeo: *Entre a fenomenologia e hermenêutica*, do filósofo Paulo Ghiraldelli. Explica o positivismo no contexto de outras abordagens.

## A FENOMENOLOGIA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

No que se refere à pesquisa, é embasada nos mesmos princípios que fundamentam o enfoque. Como coloca Masini (2000), caracteriza-se pela ênfase no mundo da vida cotidiana, pelo retorno ao que é esquecido, coberto pelos usos, hábitos e linguagem do senso comum. Propõe o retorno à totalidade do mundo vivido, um caminho próprio que é o método fenomenológico, que trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto, pois os fenômenos nem sempre são evidentes.

Outro aspecto que merece ser observado é que o método fenomenológico, como coloca Masini (2000), não se limita apenas a uma descrição passiva, é tarefa de interpretação, tarefa da hermenêutica, que consiste em por a descoberto os sentidos menos aparentes, os que o fenômeno tem de fundamental. A hermenêutica é o sentido da interpretação das palavras, do seu significado.

Leia o texto *Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação*, p. 59 a 67 do livro *Metodologia da pesquisa educacional*.

Assista ao vídeo: *O que são a fenomenologia e a hermenêutica* apresentado pelo filósofo Paulo Ghiraldelli.

## **A DIALÉTICA**

A dialética é a forma de pensamento que considera a dinâmica dos fenômenos historicamente situados. Para Gamboa (2007, p. 34) “[...] é entendida como o método que nos permite conhecer a realidade concreta no seu dinamismo e nas suas inter-relações.” E acrescenta que “Marx no ‘Método da Economia Política’ (1983) nos apresenta a dialética como processo de construção do concreto do pensamento a partir do concreto real.” (p. 35). Denomina de concreto o “[...] resultado, no pensamento, de numerosos elementos cada vez mais abstratos que vão ascendendo até construir o concreto.” (p.36)

Assim como a fenomenologia surge em oposição ao positivismo, a dialética surge em oposição ao positivismo e à fenomenologia. Primeiro é entendida como a arte do diálogo. Segundo Durozoi e Roussel (1996) é com Hegel no século XIX que a dialética adquire novo sentido filosófico. É entendida como a lei do pensamento e do real, que progredindo por negações sucessivas - tese, antítese - resolve as contradições chegando a sínteses parciais convidando a

serem ultrapassadas. Segundo o autor, Marx e Engels aceitam a dialética hegeliana como método, mas invertem seu sentido para aplicá-la “[...] ao estudo dos fenômenos históricos e sociais, fundamentalmente aos fatores econômicos: não é mais o Espírito ou ideia que determina o real, mas ao contrário, e os marxistas ulteriores elaboram esse materialismo dialético em sistema rigoroso. “A concepção materialista funda-se no imperativo do modo humano de produção social da existência.” (FRIGOTTO, 2000, p. 75). Portanto, fundamenta-se em uma realidade concreta, considera as contradições da realidade e as permanências e transformações que acontecem. Pensar a realidade é pensar o todo; totalidade e contradição são duas categorias presentes no marxismo, além de reprodução, mediação e hegemonia. Para Cury (1995) as categorias dão conta de uma certa realidade da forma mais abrangente possível e fornecem os fatos para investigar a realidade social e as vinculações das propriedades da educação nessa realidade.

Para Frigotto (2000, p. 75) “[...] a dialética situa-se, então, no plano da realidade, no plano histórico, sob forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos.” Para o autor, o desafio do pensamento é trazer para o plano do conhecimento a dialética do real. Como coloca Demo (1985), a dialética problematiza a relação entre sujeito e objeto, vai além da fragmentação, das visões estáticas de objetividade e neutralidade.

### ***A DIALÉTICA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO***

Na pesquisa educacional a abordagem dialética coloca-se como uma alternativa em relação às abordagens positivista e fenomenológica. Os fenômenos pesquisados são entendidos como decorrentes das formas como os homens se constroem historicamente e, como coloca Gamboa (2000), questiona a visão estática da realidade implícita. Reivindica que o nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade possibilita entender as relações sociais, de produção e a estrutura econômica e que a base econômica é o fundamento das superestruturas legais e jurídicas. Para Gamboa (2000, p. 101) “[...] a produção científica é uma construção que

serve de mediação entre o homem e a natureza, uma forma desenvolvida da relação entre sujeito e objeto, na qual o homem, como sujeito, vincula a teoria e a prática, o pensar e o agir, num processo cognitivo-transformador da natureza.” E acrescenta que o homem é um ser social e histórico, determinado pelos contextos econômicos, políticos e culturais e é o criador e transformador da realidade. A educação é uma prática social e resulta das determinações econômicas, políticas e sociais.

Assista ao vídeo sobre Marxismo ou materialismo histórico dialético apresentado por Paulo Ghiraldeli.

Leia o capítulo *O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional*, do livro *Metodologia da pesquisa educacional*.

Leia artigos com enfoque positivista, fenomenológico e dialético.

Neste site você encontra vários tipos de orientação para realização da pesquisa, dentre eles os enfoques filosóficos e artigos com cada um desses procedimentos. A leitura possibilita perceber as diferenças na forma como o problema é abordado e a análise dos dados é realizada

### 3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados, caminhos para a realização da pesquisa, são imprescindíveis no projeto. É pelos instrumentos de coleta de dados que o pesquisador apropria-se dos dados da realidade, capta a natureza do problema investigado.

No campo educacional, os mais utilizados são: a observação, entrevista, questionário e a análise documental.

O pesquisador necessita conhecer as suas características, em que circunstâncias são utilizados, as vantagens e desvantagens de cada um, pois, a escolha do instrumento é de sua responsabilidade.

Neste capítulo são tratados os instrumentos, para que o professor pesquisador esteja em condições de tomar decisão sobre o instrumento de coleta de dados a utilizar no desenvolvimento da pesquisa.

Como já colocado, estes conhecimentos são imprescindíveis para a elaboração do projeto e para a realização da pesquisa. Mas, como diz Oliveira apud Zago (2003) a melhor maneira de se aprender a fazer pesquisa é fazê-la, mas sabendo o que se está fazendo.

Vários são os autores que tratam do assunto. Dentre eles Lüdke e André (1986), Bogdan e Biklen (1994), Triviños (1995), Rummel (1981), Michaliszyn e Tomasini (2005), Moreira e Caleffe (2006), dentre outros.

## **A OBSERVAÇÃO**

A observação é um instrumento amplamente utilizado para se fazer pesquisas, inclusive a pesquisa do senso comum. No entanto, torna-se científica quando é planejada, volta-se para um determinado objeto, são feitos registros para posterior análise. O diferencial entre uma observação do senso comum e a científica é a forma de organização.

Para Rudio (1986, p. 33) “[...] a observação científica surge, não para destruir e negar o valor da observação vulgar, mas para valer-se das possibilidades que ela oferece, completando-a, enriquecendo-a, aperfeiçoando-a, a fim de lhe dar maior validade, fidedignidade e eficácia.” É muito utilizada em pesquisa educacional. Para Lüdke e André (1986), uma das razões para sua utilização é que possibilita um contato direto, pessoal do pesquisador com o fenômeno

pesquisado. A observação é planejada de tal forma que o pesquisador faça distinção entre o essencial e secundário. Para Costa (1997) observar significa separar, em meio à complexa vida social, aquilo que é circunstancial e periférico daquilo que é essencial e diz respeito ao problema investigado.

Quando as observações não são planejadas, às vezes, os observadores veem algumas coisas com riqueza de detalhes mas não enxergam outras. O conhecimento do pesquisador sobre o assunto observado, sua história de vida, as preferências, os objetivos da pesquisa determinam os rumos da observação.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 25) “[...] para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação é, antes de tudo, controlada e sistemática, o que implica a existência de planejamento cuidadoso do trabalho e preparação rigorosa do observador.” O planejamento é imprescindível para se obter dados válidos, fidedignos e significativos e se constitui na preparação do pesquisador para realizar a pesquisa pois o planejamento define com antecedência o que será feito.

“Planejar a observação significa determinar com antecedência ‘o que’ e ‘o como’ observar.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 25). Definindo-se o foco da investigação ficam evidentes os aspectos do problema que serão observados e as melhores formas de apreendê-los.

É na fase do planejamento que cabe definir a duração da observação e o grau de participação do observador.

Segundo Patton (1980) apud Lüdke e André (1986, p. 26)

[...] para realizar as observações é preciso preparo material, físico, intelectual e psicológico. O observador [...] precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os registros relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. Além disso precisa preparar-se mentalmente para o trabalho, aprendendo a se concentrar durante a observação, o que exige um treinamento dos sentidos para se centrar nos aspectos relevantes.

Para realizar as observações o pesquisador necessita de conhecimento e disciplina. Conhecimento para distinguir o principal do secundário, não priorizando dados irrelevantes e não deixando de obter dados que oportunizam a análise do problema; disciplina para focar no que precisa ser observado e proceder os registros do que foi constatado, além de estar preparado física, intelectual e psicologicamente para este trabalho pois, às vezes, as observações são realizadas em situações adversas.

Uma das vantagens da observação é que ela é um instrumento que possibilita contato direto do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Para Lüdke e André (1986) a observação direta permite que o observador chegue mais perto dos sujeitos pesquisados, na medida em que acompanha, presencialmente, as experiências diárias dos sujeitos, apreende o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas ações. O observador recorre aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado.

Alertam as autoras que o contato prolongado pode causar alterações nas pessoas observadas e se baseia muito na interpretação pessoal, o que leva a uma análise parcial e cabe ao pesquisador ter visão de totalidade.

Ludke e André (1986) apoiando-se na experiência de Patton e Bogdan e Biklen, apresentam sugestões sobre o que incluir nas anotações de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 30) envolve uma parte “[...] descritiva e uma parte reflexiva.”

A parte descritiva apresenta o registro das observações. Envolve a descrição dos sujeitos, dos locais, dos eventos, das atividades assim como a reconstrução dos diálogos e o próprio comportamento do observador. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A parte reflexiva compreende “[...] as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta; suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, pré-concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções.” (Idem, p.31). Portanto, vários são os aspectos que são contemplados na reflexão.

O registro escrito é a forma mais utilizada nas observações, feito logo em seguida à investigação para que não sejam esquecidos detalhes. São feitas apenas anotações escritas, ou combinando “[...] as anotações com o material transcrito de gravações, de filmes, fotografias, slides e outros equipamentos.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 32).

É importante que o observador indique o dia e a hora da realização da pesquisa, o local da realização e o período de duração.

Estes são os aspectos mais importantes considerados no momento das observações, mas o pesquisador, se achar conveniente, recorre a outros elementos que tornem a coleta de dados mais objetiva.

## A ENTREVISTA

A entrevista também é muito utilizada na pesquisa educacional. Possibilita contato direto com o sujeito da pesquisa, estabelecendo-se um processo de interação entre o entrevistador e o entrevistado. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 134) “[...] uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra.”

Existem vários tipos de entrevistas, dentre elas as estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas. Normalmente são entrevistados secretários de educação, professores, professores pedagogos, gestores, pais, alunos, comunidade, funcionários de escola, etc.

A entrevista estruturada é aquela em que o pesquisador segue um roteiro básico não rígido,

[...] de perguntas feitas a todos os entrevistados de maneira idêntica e na mesma ordem, [...] é usada quando se visa a obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata, em geral, mediante tratamentos estatísticos. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34).

A entrevista semiestruturada é aquela “[...] que se desenvolve mediante um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34).

Na entrevista não estruturada, a mais utilizada em pesquisa educacional, mesmo tendo um roteiro prévio para orientar-se sobre o que vai perguntar, possibilita “[...] uma liberdade de percurso.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34).

O pesquisador conduz a entrevista de acordo com o desenrolar da interação entre entrevistado e entrevistador, como dizem Lüdke e André. (1986).

É de responsabilidade do pesquisador a escolha pelo tipo de entrevista. Na escolha considera-se a problemática do estudo, pois, como coloca Zago (2003, p. 294) a escolha “[...] não é neutra.” Ela se justifica pela necessidade decorrente da problemática do estudo, leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a escolher as estratégias apropriadas para respondê-las.

De acordo com Lüdke e André (1986) a entrevista não-estruturada é a mais adequada para o desenvolvimento de pesquisas em educação, é mais fácil se abordar os entrevistados por ser um instrumento mais flexível.

Como vantagem, a entrevista possibilita que se obtenha a informação desejada, permite o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Permite o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário e atinge informantes que não são alcançados por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito é inviável. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Além disto, proporciona informação para complementar outros métodos de coleta, é utilizada, junto com a observação, para verificar a informação obtida por métodos de correspondência.

As autoras alertam que a entrevista requer exigências e cuidados. Um deles é que o entrevistador mostre grande respeito para com o entrevistado. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 35), respeitando o local e horário marcado, até “[...] a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso. Igualmente respeitado deve ser o universo próprio de quem fornece as informações, opiniões, as impressões, enfim, o material em que a pesquisa está interessada.” ( p. 35).

“O pesquisador necessita ouvir atentamente as respostas e estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado, sem forçar o rumo das respostas para determinada direção, mas, garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.35). Para as autoras, na entrevista, no momento que houver “[...] um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável a autêntica.” (p. 36).

Para situações como confiança, livre expressão, segundo Lüdke e André (1986, p. 36) “[...] não há receitas infalíveis a serem seguidas, mas sim cuidados a serem observados e que, aliados à inventiva honesta e atenta do condutor, levarão a uma boa entrevista.”

Além de estar atento ao roteiro pré-estabelecido e às respostas que vai obtendo, deve observar os “gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 36).

Cabe ao pesquisador ter conhecimento e sensibilidade para analisar essa linguagem. Quanto ao registro, as formas mais utilizadas são a anotação e a gravação. Nas anotações, o pesquisador escreve o que mais lhe interessa mas, precisa deixar o entrevistado mais à vontade.

Para Lüdke e André (1986) a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, deixando o entrevistador livre para ficar mais atento ao entrevistado. Por outro lado, ela “[...] só registra as expressões orais deixando de lado as expressões faciais, os gestos, as mudanças

de postura e pode representar para alguns entrevistados um fator constrangedor. Nem todos se mantêm inteiramente à vontade e naturais ao ter uma fala gravada.” (p. 37, grifo no original).

Uma dificuldade em relação à entrevista gravada é a transcrição dos dados para o papel, é uma operação bem trabalhosa, absorve muitas horas.

Como já colocado, o pesquisador é responsável pela definição dos instrumentos de coleta de dados. Ao eleger a entrevista, sabe que é uma das formas que exige maior tempo. Portanto, há que refletir se este é o melhor instrumento para a coleta de dados do tema pretendido e se existem condições de realizá-la.

## O QUESTIONÁRIO

O questionário, assim como a entrevista, é muito utilizado na pesquisa em educação. É um instrumento simples, consta de perguntas ligadas ao tema, apresentado ao entrevistado por escrito, é entregue pessoalmente, enviado pelo correio, por e-mail ou de outra forma e é o próprio sujeito da pesquisa que responde às questões, sem a presença do pesquisador, administrando a sua disponibilidade de tempo. Muito usado para temas que não estão em outras fontes, por exemplo, entrevistar pessoas idosas sobre a história do bairro, cidade, de uma escola, etc. Escolhe-se entre solicitar do respondente identificação ou anonimato. As perguntas são formuladas de forma clara, para não gerar dúvidas para quem responde e não direcionam para uma resposta mas para se obter respostas coerentes. Para Rummel (1981, p. 103) “[...] se a técnica do questionário é proporcionar dados válidos para a investigação, o pesquisador deve construir o seu questionário de maneira a suscitar informação fidedigna e autêntica.”

Quanto ao tipo os questionários são abertos ou fechados ou semiabertos. Vários autores tratam do assunto. Dentre eles Rudio (1986) e Triviños (1995).

É caracterizado como aberto aquele em que o sujeito tem total liberdade para emitir as respostas. Ex. Numa pesquisa com professores: na sua opinião como deve ser elaborado o currículo da escola? Como é elaborado na escola em que você atua?

Para Triviños (1995, p. 171)

[...] as perguntas do questionário aberto devem ser poucas: entre duas e cinco interrogativas são suficientes. Não esqueçamos que os respondentes deverão, geralmente, escrever suas ideias, o que exigirá deles tempo e esforço. O número limitado de perguntas obriga o investigador a um trabalho cuidadoso em extremo. Com efeito, as indagações propostas ao sujeito, além de serem claras, precisas e expressas numa linguagem natural, adequada ao ambiente no qual se realiza a pesquisa, devem apontar os assuntos medulares do problema. Isto exige do pesquisador uma atividade prévia de contato com o meio no qual se realizará o estudo.

O questionário é elaborado de tal forma que não crie dúvidas para quem o responde.

O fechado é aquele tipo em que se faz perguntas e sugerem-se respostas e o sujeito opta por uma resposta. Ex. Você atua há quantos anos no magistério: ( ) menos de 5 anos; ( ) menos de 10 anos; ( ) menos de 15 anos; ( ) menos de 25 anos; ( ) outro.

O semiaberto é aquele em que se oferecem opções de resposta, mas também possibilidades em algumas perguntas para explicar a opção feita. Ex. Você já participou da elaboração de uma proposta curricular? ( ) Sim; ( ) Não; ( ) Em parte. Explique as razões da resposta.

Compete ao pesquisador ter claro que a elaboração das questões acontece após minuciosa análise dos objetivos da pesquisa visto que eles expressam as intenções da investigação, fazer a revisão das perguntas e dos aspectos linguísticos para depois aplicar o questionário. Daí depreende-se a importância que é dada ao projeto de pesquisa.

Triviños (1995) sugere que antes de aplicado definitivamente, o questionário seja testado, aplicado a duas ou três pessoas com o mesmo perfil dos sujeitos a quem será aplicado, o respondem para verificar se não existem questões ambíguas. A ambiguidade dificulta a emissão das respostas e compromete a fidedignidade.

Antes da apresentação das perguntas, recomenda-se que sejam dadas explicações sobre os objetivos da aplicação do questionário. Estes esclarecimentos colaboram na emissão das respostas.

Moreira e Caleffe (2006) apontam as vantagens e limitações do uso do questionário. Como vantagens, menor tempo para atingir grande número de respondentes, a utilização do tempo de acordo com a disponibilidade do respondente, o anonimato, alta taxa de retorno e perguntas padronizadas. Como limitações os dados tendem a descrever e não explicar o porquê das coisas, são superficiais.

## **A ANÁLISE DOCUMENTAL**

É um tipo de pesquisa que trabalha com um vasto campo de dados que já existem e mencionado por alguns autores como “[...] como um método de pesquisa bibliográfica, pesquisa histórica ou ‘análise de conteúdo.’” (RUMMEL, 1981, p. 152).

É considerada de baixo custo e é realizada “[...] a partir de referências teóricas que apareçam em livros, artigos, documentos.” (MICHALISZYN e TOMASINI, 2005, p. 31). O pesquisador, pode se utilizar exclusivamente da pesquisa documental ou utilizá-la como complemento quando se vale de outros instrumentos como a entrevista, observação, questionário, quando necessitar de informações em documentos.

Lüdke e André (1986, p. 38) apontam que “[...] são considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fontes de informação sobre o comportamento humano.” e mencionam que são diversos, encontrados em órgãos públicos como secretarias estaduais e municipais de educação, arquivos públicos, museus, acervos particulares. São classificados em fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são os documentos de um período a ser investigado, como os manuscritos, leis, atas de reuniões, ofícios, memorandos, entre outros; as fontes secundárias são documentos elaborados com base nas fontes primárias, analisam uma lei, uma ata de reunião, etc.

Os documentos são os mais diversos como “[...] leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos,

roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.38).

Os documentos representam as ideias do contexto em que foram construídos e as relações estabelecidas naquele contexto.

Quanto às vantagens, para Lüdke e André (1986), uma delas é o baixo custo, requer apenas tempo e atenção do pesquisador para analisar os dados que considera mais relevantes mas, como os demais instrumentos, é usada adequadamente. Outra vantagem é que “[...] eles são uma fonte não-reativa, permitindo a obtenção de dados quando o acesso ao sujeito é impraticável (pela sua morte, por exemplo) ou quando a interação com os sujeitos pode alterar seu comportamento ou seus pontos de vista.” (p. 39). Portanto, constitui-se em importante fonte de pesquisa histórica, principalmente quando outros instrumentos são inviáveis.

Segundo Holsti (1969) apud Lüdke e André (1986) A análise documental é sugerida em pelo menos três situações: quando o acesso aos dados é difícil, quer seja por limitação do pesquisador como tempo ou deslocamento, ou porque o sujeito da investigação não está mais vivo, ou porque é preciso utilizar uma técnica que não cause alterações no ambiente, quando se pretende referendar informações obtidas por outros instrumentos, quando o pesquisador se propõe a estudar o problema a partir da expressão dos indivíduos, do que está escrito em teses, dissertações, documentos pessoais, como cartas.

Ao optar pela análise documental, segundo Lüdke e André (1986, p. 40) primeira decisão “[...] é a caracterização do tipo de documento que será usado ou selecionado.” Será um único tipo de documento ou vários? Será um documento oficial como lei, decreto, ou um documento técnico como relatório? Ou do tipo pessoal como carta, diário, autobiografia? Será de arquivos oficiais como os escolares, será material instrucional como filme, livro ou um trabalho escolar como cadernos, provas, redações? Define o foco de análise tais como os aspectos políticos, psicológicos, filosóficos educacionais, éticos, literários, etc.? Para as autoras, a análise de dados qualitativos

é um processo criativo, exige rigor intelectual e muita dedicação. Não existe uma forma melhor ou mais correta. “O que se exige é sistematização e coerência do esquema escolhido com o que pretende o estudo.” (p. 42).

As formas de registro dos dados podem variar muito. De acordo com Lüdke e André (1986) são anotações à margem do próprio material analisado, esquemas, diagramas e outras formas de síntese da comunicação; as anotações incluem o tipo de fonte de informação, os tópicos ou temas tratados, o momento e o local das ocorrências, a natureza do material coletado.

As leituras e releituras dos documentos possibilitam ao pesquisador detectar os detalhes e temas frequentes. Segundo Lüdke e André (1986, p. 42) este procedimento, essencialmente indutivo, culmina na construção das categorias ou tipologias.” (p. 42). As leituras e releituras são necessárias, oportunizam a percepção de detalhes.

A análise documental não é simples cópia de documentos. Nos documentos coletam-se dados para análise. A contribuição do pesquisador está na forma como analisa os dados.

## **SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

Ao definir o instrumento de pesquisa a utilizar, o pesquisador informa aos sujeitos da pesquisa sobre os objetivos e que as informações por eles fornecidas “[...] serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando-se sempre o sigilo em relação aos informantes.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 37). O sujeito da pesquisa, quer seja observado, entrevistado ou responda um questionário precisa concordar. O pesquisador solicita que assine o termo de compromisso livre e esclarecido, conforme consta na página da UNICENTRO.

No momento da realização da pesquisa, nem tudo pode ser anotado. Se o pesquisador optar por anotações, tanto na observação como na entrevista, Lüdke e André (1986) recomendam que, ao término disponha de tempo para complementar as respostas com informações que não foram anotadas o que é feito logo em seguida, considerando que, com o tempo, muitas informações importantes caem no esquecimento e muito do esforço do pesquisador é desperdiçado.

Independente do instrumento de pesquisa escolhido, como já colocado anteriormente, a elaboração das questões ou do roteiro a ser seguido nas observações, entrevistas, análise documental são construídos a partir dos objetivos propostos no projeto de pesquisa, estes expressam as intenções da pesquisa, razão pela qual são elaborados de forma clara.

Além das características de cada um destes instrumentos, devem ser contemplados no momento de tomada de decisão o tema a ser pesquisado, quem são os sujeitos da pesquisa, onde se encontram, o tempo disponível para a pesquisa, a natureza do objeto.

## 4 CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Como já comentado, o tema projeto de pesquisa, devido a à importância para a realização de uma pesquisa é trabalhado em todos os anos do curso. No segundo ano retomam-se os estudos feitos no 1º ano, aprofundando alguns aspectos e acrescentando outros como a definição do enfoque filosófico, dos instrumentos de coleta de dados. Convém lembrar que as definições só são feitas a partir da definição do tema, do referencial teórico e da clara formulação do problema. Não existe um item para explicitar o enfoque filosófico adotado que se mostra na forma como é escrito o projeto, no referencial utilizado.

Existem diversos materiais que orientam a elaboração do projeto de pesquisa a serem consultados. Sugiro a leitura do texto *Guia para elaboração do projeto de pesquisa científica* de Joselito Santos Abrantes.

*Guia para elaboração do projeto de pesquisa científica*

## **ESTRUTURA DO PROJETO DE PESQUISA**

Éis um segundo exercício de projeto de pesquisa. Complete os quadros, de acordo com as orientações que estão abaixo do quadro.

### **IDENTIFICAÇÃO ( CASO SEJA NECESSÁRIO ):**

Instituição:

Nome do pesquisador:

Período de execução:

Finalidade do projeto: (atividade de graduação, especialização, etc.)

Se achar necessário acrescente mais informações que identifiquem a pesquisa e o pesquisador. As informações iniciais são importantes para identificação do projeto.

### **TÍTULO (IDENTIFICADO NA CAPA E NA CONTRA-CAPA)**

O título do projeto de pesquisa oferece uma visão geral da proposta, retratando o tema principal da pesquisa. É redigido com objetividade e clareza exprimindo globalmente a proposta. Exemplo: se a pesquisa é sobre formação de professores o título expressa esta intenção. A etapa, muitas vezes, é revista ao longo da construção do projeto de pesquisa e somente bem definido com a conclusão do projeto.

### **INTRODUÇÃO:**

A introdução do projeto de pesquisa é uma explicação inicial sobre o corpo do projeto; possibilita ao leitor compreender o que consta no projeto. Deve ser explicitado o assunto desenvolvido no corpo do projeto, os autores nos quais o pesquisador se apoia para desenvolver os estudos e o caminho, isto é, a metodologia que o pesquisador utiliza.

#### **JUSTIFICATIVA:**

Na justificativa são apresentadas as razões para a realização da pesquisa e a contribuição que trará para a compreensão ou solução do problema de pesquisa. Retomam-se o problema e os objetivos.

#### **PROBLEMA:**

No problema são colocados, em forma de perguntas, o objeto a ser investigado e são apresentados pontos para serem resolvidos, como um conflito em relação ao tema escolhido. É um questionamento de como se chegar a uma conclusão. Busque exemplos no livro da disciplina p. 73.

#### **OBJETIVO (OBJETIVOS GERAIS, OBJETIVOS ESPECÍFICOS):**

Os objetivos expressam as metas que se quer alcançar ao término do projeto. É o norte do estudo, do conhecimento que se quer alcançar. Visam responder o que é pretendido com o projeto. Lembrem: todo objetivo inicia-se com verbos no infinitivo. Os objetivos bem definidos

num projeto ajudam a direcionar toda a pesquisa, fornecem clareza para estabelecer todas as etapas do projeto.

O objetivo geral expressa o norte do conhecimento de forma ampla.

Os objetivos específicos complementam a finalidade desejada. Pode-se propor um objetivo para cada parte do trabalho.

Leia o capítulo 3 do livro da disciplina, p. 74 a 75.

### **FUNDAMENTAÇÃO OU REFERENCIAL TEÓRICO:**

A fundamentação teórica, referencial teórico ou revisão de literatura, termos utilizados com sinônimos segue as mesmas orientações do 1º ano, acrescidas da definição do enfoque filosófico. Ao ler o referencial teórico de um projeto, o leitor identifica se é uma pesquisa positivista, fenomenológica ou dialética. É pelo referencial, apresentando o que existe sobre o tema na literatura que o pesquisador evidencia o conhecimento que tem. Como o referencial é a parte que fornece suporte à sustentação da pesquisa sobre o tema, o pesquisador elege, para fundamentar o trabalho, autores que abordam o tema na perspectiva do enfoque adotado. O referencial consiste no estabelecimento de diálogo entre as ideias dos autores e o problema a ser investigado. Uma revisão de literatura bem elaborada aponta os pontos convergentes e divergentes entre as ideias. Neste item são apontadas apenas as ideias dos autores. É preciso observar ou citar a fonte. A informação você consegue nas página iniciais dos livros conforme a imagem abaixo. ( foto da ficha catalográfica de um livro).

O proponente do projeto de pesquisa não opina. A opinião, as análises do pesquisador são externadas quando realizar a análise dos dados e considerações finais, que são feitas após a coleta e análise dos dados. A coleta e análise dos dados são realizada no 4º ano.

### **METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS, HIPÓTESES OU QUESTÕES PROBLEMAS):**

A metodologia constitui-se no caminho trilhado pelo pesquisador para atingir os objetivos propostos. É uma descrição de como a pesquisa é realizada. De acordo com o tema proposto, com a disponibilidade de tempo, dentre outros fatores, o pesquisador define se é uma pesquisa quantitativa ou qualitativa. Em educação, as pesquisas são qualitativas. Também define se a pesquisa é bibliográfica ou de campo ou análise documental. Se for bibliográfica, seleciona os autores que serão analisados; se for documental, os documentos. Se for de campo indica se é por observações, entrevistas ou aplicação de questionário. Consta onde será realizada, quem são os sujeitos da pesquisa, a definição dos instrumentos de pesquisa, como os dados são coletados; menciona se são realizadas entrevistas, observações. A forma como os dados são coletados e analisados é escrita com clareza.

Todos os projetos de pesquisa apresentam a revisão de literatura ou fundamentação teórica, que é uma pesquisa bibliográfica.

### **CRONOGRAMA:**

O cronograma é uma previsão das tarefas que serão realizadas desde a escolha do tema até a redação final da pesquisa, a monografia, dissertação, tese, artigo, resumo, etc., Portanto, aparecem as etapas e o tempo necessário para a realização de cada uma, de preferência, em forma de tabela.

### **CUSTOS OU ORÇAMENTO:**

Os custos ou orçamento são colocados nos projetos financiados.

### **RESULTADOS ESPERADOS:**

Neste item apontam-se os resultados que se ALMEJA alcançar com a pesquisa. Os resultados estão relacionados aos objetivos.

### **REFERÊNCIAS:**

As referências são retiradas do próprio material utilizado para estudos, em sua maioria estão mencionados no referencial teórico. Todos os autores citados no texto são aqui referenciados da mesma forma que todos os aí referenciados devem ser citados no texto. Os autores são citados em ordem alfabética.

*Para fazer as referências adequadamente leia o livro da disciplina p. 79 a 81 e especialmente consulte as Normas para elaboração dos trabalhos científicos, elaboradas pela UFPR. Lembre-se de que as pesquisas on-line são feitas em sites confiáveis como das bibliotecas das universidades, revistas, Scielo, dentre outras.*

*Orientação para Normalização de Trabalhos Acadêmicos - UFPR*

## 5 ANÁLISE DE DADOS E A PESQUISA QUALITATIVA

Após a conclusão do projeto de pesquisa o pesquisador passa para a fase seguinte que é da realização da pesquisa. Neste momento, necessita fazer a revisão da literatura, dos objetivos, rever os instrumentos de coleta de dados que já foram selecionados, construir o roteiro da coleta dos dados. Constrói perguntas, se utilizar uma entrevista ou questionário. Ou um roteiro, se for uma observação, análise documental ou pesquisa bibliográfica. Tanto as questões como o roteiro são elaborados voltados para os objetivos que foram traçados no projeto de pesquisa. De posse dos dados coletados passa-se para a fase de sistematização e análise de dados.

Para Bogdan e Biklen (1994), a análise dos dados constitui-se em um processo de seleção e organização dos dados obtidos, quer seja por entrevistas, notas de campo, resultado das observações, respostas dos questionários e de outros materiais que foram coletados, objetivando melhor compreendê-los e apresentar aos outros o que foi encontrado. Destaca a organização dos dados para uma melhor interpretação.

Bardin (1977, p. 105) aponta que “[...] consiste em descobrir os núcleos de sentidos que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa com o objetivo analítico escolhido.” Para o autor, a ênfase está na organização objetivando verificar a frequência das respostas, o que pode significar muito.

Frigotto (2000) que apresenta seus trabalhos numa perspectiva dialética, aponta que é o esforço do pesquisador que estabelece conexões, mediações e contradições dos fatos da problemática pesquisada. Para isso é feita a tabulação dos dados, por meio da qual o pesquisador constrói as categorias, permitindo sintetizar os dados de maneira a serem compreendidos e interpretados de forma mais fácil.

As ideias apresentadas pelos vários autores, apontam que se refere a um conjunto de procedimentos com vistas a organizar e sistematizar os dados e que tem como objetivo final a

produção de um texto que será socializado e, portanto, lido por um determinado público e para isso, precisa ser compreensível.

Como exercício, elabore um instrumento de pesquisa (sugiro um questionário) e envie para seus colegas e peça que respondam. De acordo com o quadro abaixo, elabore 6 questões e envie para 6 colegas responderem. Os respondentes não são identificados, razão pela qual são denominados de A, B, C, D, E, F. Após o quadro ser completado obtém-se o panorama das respostas por respondente e por questão. Terão todas as respostas de cada respondente e terão um panorama de todos os respondentes sobre cada uma das questões. De posse das respostas organize o quadro abaixo.

Quadro 1: formulário para análise de dados

Questões/sujeitos	A	B	C	D	E	F
Questão 1						
Questão 2						
Questão 3						
Questão 4						
Questão 5						
Questão 6						

Após a análise dos dados, um dos maiores desafios do pesquisador é a redação que consiste em colocar no papel as ideias. Para Moreira e Caleffe (p. 229) “[...] a natureza da comunicação varia de acordo com o público-alvo que o pesquisador pretende atingir, mas, qualquer que seja esse público, a concisão e o estilo são elementos importantes.” Como aponta o autor, redigir é um processo que envolve reflexão, tomada de decisões e a produção textual, objetivando uma mensagem clara e inteligente para o leitor.

As pesquisas são divulgadas em livros, revistas, anais de eventos. Sugiro que consultem Estudos e pesquisas educacionais editado pela Fundação Victor Civita, por exemplo, na revista n. 1, p. 17 a 71 a pesquisa intitulada Ser professor: uma pesquisa sobre o que pensa o docente das principais capitais brasileiras, desenvolvida pelo Instituto Paulo Montenegro. Observe que os dados coletados são apresentados em forma de tabela, o que facilita a visualização para a análise. Apresenta nas tabelas a caracterização dos sujeitos da pesquisa como quantos professores participaram da pesquisa, em que região, o sexo, faixa etária, nível de formação, tempo de trabalho, dentre outras, e, posteriormente, questões sobre a opinião dos docentes sobre o que é ser professor.

Na revista n. 2, p. 227 a 287 é apresentada pesquisa sobre O coordenador pedagógico (CP) e a formação dos professores: intenções, tensões e contradições realizada por Placco, Souza e Almeida. Não apresenta tabelas mas isso não quer dizer que os dados não tenham sido tabulados. Leiam e observem que no artigo as pesquisadoras caracterizam com dados numéricos os sujeitos da pesquisa e apresentam em dados numéricos as respostas dadas. É uma outra forma de apresentar os dados mas que não exclui a sistematização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um projeto de pesquisa é uma tarefa que requer tempo, muitas serão as horas dedicadas às leituras e reflexões até a decisão do tema, do referencial teórico, do enfoque metodológico, dos instrumentos de coleta de dados. Ao decidir-se por um curso superior, o acadêmico terá que disponibilizar o tempo necessário para a realização da atividade. Um dos objetivos da Universidade é desenvolver pesquisas para colaborar com o avanço da ciência e tecnologia. O curso de pedagogia tem como um dos objetivos formar o pesquisador educacional.

Espera-se que este material contribua para dirimir as dúvidas sobre aspectos importantes no processo de construção do projeto e realização de pesquisa com abordagens filosóficas, instrumentos de coleta de dados, análise dos dados coletados, dentre outros. Se alguma questão não estiver esclarecida, indica-se aos acadêmicos que aprofundem os assuntos, em fóruns e, preferencialmente, consultem as obras clássicas da filosofia como no caso dos enfoques filosóficos. São elementos que possibilitam o aprofundamento de conhecimentos para a construção do projeto de pesquisa. No terceiro ano, os temas são aprofundados e novos desafios são propostos - o maior deles, a construção do projeto de pesquisa, que tem início ainda no terceiro ano e conclusão no quarto com a apresentação dos resultados da pesquisa em evento e a publicação de artigo

A pesquisa ainda é um desafio na universidade brasileira; o que se almeja é que todos os professores do ensino fundamental e médio sejam pesquisadores e que desenvolvam as práticas a partir das pesquisas realizadas, a partir do detectado na realidade verificada.

## SUGESTÕES DE LEITURAS

PABIS, N. A. Metodologia da pesquisa em ciências da educação II. Guarapuava, UNICENTRO, 2013.

### ***SOBRE PESQUISA QUALITATIVA***

Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia.

Disponível em: [leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.../GT\\_01\\_14.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.../GT_01_14.pdf)

Neste texto as autoras Deus, Cunha e Maciel destacam a natureza do estudo de caso, seu delineamento como metodologia de investigação e sua aplicação na pesquisa em educação.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

Estudos e pesquisas educacionais. Fundação Victor Civita. 2010. Estudos realizados em 2007, 2008, 2009. Disponível em: <http://www.clickideia.com.br/sg/uploads/uploads/estudos/estudos-pesquisas-computadores-e-internet-nas-escolas-publicas.pdf>

## **SOBRE ENFOQUES FILOSÓFICOS**

DEMO, P. Introdução à metodologia da ciência. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 1985.

MELO, F. D. A., COSTA, R. R., e ANDRADE, J. A. Pesquisa em educação: enfoque epistemológico.

## **SOBRE INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS**

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

## **SOBRE PROJETOS DE PESQUISA**

DIEZ, C. L. F. e Horn, G. B. Orientações para elaboração de projetos e monografias. Petrópolis, Vozes, 2004, p. 43 a 47.

## **SOBRE ANÁLISE DOS DADOS**

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

DEMO, P. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Paulus, 2005.

MARQUES, M. O. Escrever é preciso. O princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 2000.

## ***SOBRE PROJETO DE PESQUISA E NORMAS TÉCNICAS***

Métodos de pesquisa. Disponível em: [www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. Normas para a apresentação de trabalhos científicos. Curitiba. Ed. UFPR, 2007. Destaque para os volumes: 1- Projetos; 3- Citações e notas de rodapé; 4- Referências.

## **SUGESTÃO DE VÍDEO**

### ***SOBRE O POSITIVISMO***

Assista ao vídeo Augusto Comte – do Prof. Anderson . Aborda a trajetória do pensamento de Comte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dEUZ6ZlQU2M...>

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BICUDO, M. A. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque metodológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

CARTOLANO, M. T. P. Educação e positivismo: algumas reflexões. In: LOMBARDI, J. C. (org.). Temas de pesquisa em educação. Campinas: Autores Associados, 2003.

CUPANI, A. A crítica ao positivismo e o futuro da filosofia. Florianópolis: UFSC, 1985.

CURY, C. R. J. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 1995.

DEMO, P. Introdução à metodologia da ciência. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1985.

DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DIEZ, C. L. F. e HORN, G. B. Orientações para elaboração de projetos e monografias. Petrópolis, Vozes, 2004.

DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. Dicionário de filosofia. 2ª ed., Campinas: Papyrus, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FINI, M. I. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Unimep, 1994.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (org.) Metodologia da pesquisa educacional. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 69-90.

GAMBOA, S. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000, p. 91-115.

GAMBOA, S. S. Pesquisa em educação: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (org.) Metodologia da pesquisa educacional. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2000, p. 59-67.

MICHALISZYN, M. S. e TOMASINI, R. Pesquisa. Orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 1994.

MOREIRA, H. e CALEFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RIBEIRO, Jr. J. O que é positivismo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RÚDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 1986/1999.

RUMMEL, F. Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

TRIVINOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. Normas para a apresentação de trabalhos científicos. Curitiba: UFPR, 2007.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N., CARVAHO, M. P. de, VILELA, R. A. T. Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.